

1

Lord George Gordon Byron media cerca de um metro e setenta e cinco, sofria de uma malformação no pé direito, tinha o cabelo castanho, uma tez extremamente pálida, as têmporas de alabastro, dentes como pérolas, os olhos cinzentos e as pestanas muito escuras, e um encanto a que nem os homens nem as mulheres podiam resistir. Tudo nele era paradoxal: reservado e expansivo, belo e disforme, grave e jovial, perdulário mas por vezes avaro, e possuía uma inteligência selvagem aprisionada numa magia e malícia pueris. O que escreveu sobre o poeta Robert Burns bem poderia ter sido o seu próprio epitáfio: «Ternura, rudeza, delicadeza, insolência — sentimento, sensualidade... lama e divindade —, tudo isso amassado num molde único de argila inspirada».

Era também um poeta gigantesco, mas, como nos recorda, a poesia é uma faculdade à parte e não tem mais a ver com a pessoa do poeta do que o transe da pitonisa com a mulher comum em que se manifesta. Byron, separado do seu transe, torna-se o Byron homem, que, segundo ele próprio reconhece, não podia existir sem um objecto de amor. As suas paixões formavam-se instantaneamente e geravam nele agitação, melancolia e um sentimento de antecipação da perda inevitável do «paraíso terrestre». Amou homens e mulheres, na sua necessidade do «outro», fosse ele ou ela quem fosse. Bastava-lhe ver um belo rosto, e ei-lo a postos para «edificar e queimar uma outra Tróia».

A palavra «byroniano» ainda hoje denota excesso, acções diabólicas e uma revolta que não poupa nem os reis nem o vulgo. Mais do que qualquer outro, Byron encarnou o poeta rebelde, movido pela imaginação, sem lei, para lá de qualquer raça, credo ou fronteira, cu-

jos defeitos evidentes são resgatados por um magnetismo e, em última instância, um heroísmo que, tendo por desfecho a tragédia, o elevaram, e àquilo que encarnava, do particular ao universal, do individual ao arquetípico.

2

Os começos não lhe foram propícios. Em Janeiro de 1788, Londres, devido, ao que parece, a uma erupção vulcânica na Islândia, sofreu um Inverno glacial que a gelou e manteve também gelado o Tamisa durante várias semanas. Foi num quarto arrendado, por cima de uma loja de Holles Street, que Catherine Gordon, a mãe, então com vinte e dois anos de idade, se preparou para o parto, assistida por uma parteira, uma criada e um médico. O parto foi atormentado, e a criança nasceu com a placenta a coifar-lhe a cabeça, o que se considerava sinal de sorte, mas com o pé deformado, o que não era propriamente um sinal auspicioso.

O pai, Jack Byron o Doido, não esteve presente pois, ao regressar a Inglaterra, fora preso por dívidas. Os administradores dos bens de Catherine enviaram de Aberdeen a visitá-la um jovem advogado, Mr. Hanson, exprimindo assim a sua solidariedade para com a jovem mãe, sozinha em Londres e sem poder contar com a presença do seu instável marido. O pé da criança era mirrado como um coto e a perna, abaixo do joelho, atrofiada — infelicidade que, mais tarde, causaria ao jovem futuro *Lord* tormentos, tornando-o alvo de escárnio e humilhando-o, e que o levaria ano após ano a usar ligaduras, aparelhos metálicos e diferentes próteses, aconselhado por diferentes charlatães e ortopedistas. Foram aventadas várias causas para a deformação, e, entre outras explicações, houve quem a atribuísse à falta de oxigénio nos pulmões — mas Byron, sempre inclinado a acusar a mãe, atribuía a sua lesão à vaidade daquela, que a fizera usar um espartilho demasiado apertado durante a gravidez. Aos seus olhos, o pé boto tornar-se-ia um sinal de Caim, um símbolo de castração e um estigma que lhe envenenaria a existência.

O dinheiro, ou antes a pungente falta dele, dominou as preocupações dos seus pais durante as primeiras semanas de invernã. Certa vez, movido pela necessidade premente de dinheiro, ao escrever de França à sua irmã, Frances Leigh, Jack o Doido excluía a esperança de ver o seu filho aprender a andar: «É impossível porque tem um pé aleijado». Catherine, pelo seu lado, dirigiu-se a um dos administradores dos seus bens, que se encontrava em Edimburgo, procurando auxílio. Confessava-lhe as suas dificuldades e explicava que os vinte guinéus, que lhe tinham sido enviados para cobrir as despesas por ocasião do parto, não bastavam: tinha necessidade de cem. Dizia igualmente esperar que o seu marido imprudente e desregrado regressasse, e que a mãe, o pai e o filho se reunissem em Gales ou no Norte de Inglaterra, onde poderiam viver com menos e recuperar a breve felicidade que três anos antes tinham conhecido em Bath, nos tempos do seu namoro. Esperanças vãs. Dois meses mais tarde, Catherine voltava a escrever para Edimburgo, queixando-se amargamente: «Tenho de deixar esta casa dentro de quinze dias, pelo que não há tempo a perder e, se não me fizerem chegar o dinheiro antes, não sei o que vou fazer nem o que será de mim».

O menino recebeu, em legado de seu pai, o nome de George Gordon, e assim foi baptizado na igreja de Marylebone, cujo interior servira de cenário a algumas das imagens de *O Caminho do Libertino* pintadas por Hogarth. Infelizmente, o duque de Gordon e o coronel Robert Duff de Fetterso, ambos escoceses, parentes de alta condição, ainda que afastados, do futuro *Lord*, que seriam os seus padrinhos, não compareceram na cerimónia. Catherine descendia de *Sir William Gordon* e de *Annabella Stuart*, filha do Rei Jaime I. Os Gordon de Gight eram barões feudais que tinham subjugado o Norte, impondo um regime de terror e procedendo a grande número de saques e violações, ao mesmo tempo que multiplicavam filhos bastardos. Alguns foram executados no cadafalso, outros seriam assassinados e alguns pereceriam às mãos dos seus parentes. O avô de Catherine atirara-se às águas geladas do rio Ythan, que passava aos pés da muralha do castelo de Gight, e o cadáver do seu pai fora descoberto a flutuar no canal de Bath. A sua mãe morrerá jovem, tal como os seus dois irmãos, o que tornara Catherine única herdeira de uma fortuna que representava uma renda anual de trinta mil libras provenientes da parte que lhe cabia de grandes domínios fundiários na região, de direitos sobre a pesca do salmão em Aberdeen e de participações nalgumas minas de carvão.

Aos vinte anos, mudara-se para Bath e passara a ser mais uma das muitas futuras herdeiras casadouras locais. Não era bela e, segundo Tom Moore, amigo e primeiro biógrafo de Byron, tinha uma figura baixa e corpulenta, ao mesmo tempo que uma «curiosa maneira de andar». Faltavam-lhe também dotes intelectuais que compensassem a vulgaridade da sua aparência. Era, além disso, impressionável e aparentemente tivera um pressentimento do futuro que a esperava, uma vez que, um ano antes, num teatro da Escócia, quando a célebre atriz Miss Siddons, interpretando uma obra chamada *O Casamento fatal*, exclamara: «Oh, meu Biron, meu Biron!», Catherine experimentara um tal ataque de histeria que fora necessário fazê-la sair da sala. Em Bath conheceria depois o seu «Biron», Jack o Doido, que recentemente enfiuvara e falira. Pouco antes, Jack cortejara Amelia, encantadora esposa do Marquês de Carmarthen, que fugira com ele para França, onde rapidamente perderia a saúde e a fortuna, vítima da prodigalidade e das infidelidades do seu amante. Sabendo que Catherine era impulsiva e muito provavelmente adivinhando que o seu futuro marido era uma pessoa duvidosa, os seus parentes escoceses tentaram dissuadi-la de casar — mas Jack nem por isso deixou de colher sem tardar o fruto apetecido, pois Catherine estava firmemente decidida a entregar-se-lhe.

Depois do casamento, voltaram para o castelo de Gight, onde Jack começou uma vida de luxo, com cavalos e cães, jogos e excessos tão ostensivos que ele e a sua esposa se veriam celebrizados pelos versos de uma balada. Durante uma improvisada visita a Londres, levada a cabo no ano em que casaram, Jack foi encarcerado por dívidas na prisão de King's Bench. Recorreu ao seu alfaiate — única pessoa que pôde encontrar em condições de lhe prestar auxílio — que lhe pagou a fiança. Pouco depois, como era muito frequente fazerem certos devedores insolventes, o casal fugiu para França — sem dinheiro, vendidos o castelo e boa parte dos bens a um primo de Catherine, *Lord Aberdeen*, e com a jovem esposa descobrindo-se só, abandonada pela família e desprezada pela sociedade na situação degradante em que caíra.

Byron mal conheceu o pai, mas durante toda a sua vida admirou as façanhas vivamente coloridas e ousadas dos seus antepassados paternos, que, nados e criados sob o signo das armas, combateram à frente dos seus vassallos dos campos da Europa às planícies da Palestina, e sempre os reivindicou com orgulho. O sugestivo relato que um dos